



ANAIIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. IX (2008)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

José Manuel Garcia, *O Livro de Francisco Rodrigues – O Primeiro Atlas do Mundo Moderno*. Planificação cartográfica de Miguel Nogueira; transcrição paleográfica de Cristina Cunha. Porto: Editora da Universidade do Porto, 2008, 135 p.: il.; 136 fac-símiles. ISBN: 978-972-8025-78-6 [Recensão]

Francisco Roque de Oliveira 

Como Citar | How to Cite

Oliveira, Francisco Roque de. 2008. «José Manuel Garcia, *O Livro de Francisco Rodrigues – O Primeiro Atlas do Mundo Moderno*. Planificação cartográfica de Miguel Nogueira; transcrição paleográfica de Cristina Cunha. Porto: Editora da Universidade do Porto, 2008, 135 p.: il.; 136 fac-símiles. ISBN: 978-972-8025-78-6» [Recensão]. *Anais de História de Além-Mar* IX: 440-447.
<https://doi.org/10.57759/aham2008.37377>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2008. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2008. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

das fontes portuguesas na exploração de um pedaço da história da Ásia. Um livro de difícil leitura e tradução, mas que mais cedo ou mais tarde se tornará numa referência obrigatória para todos os que estão empenhados em levar adiante, seriamente, uma historiografia da Ásia e da expansão portuguesa que ultrapasse as fronteiras de países tão pequenos, mas com um significado tão amplo como o Sri Lanka e Portugal.

ZOLTÁN BIEDERMANN

Department of Iberian and Latin American Studies,
Birkbeck College, University of London

José Manuel GARCIA, *O Livro de Francisco Rodrigues – O Primeiro Atlas do Mundo Moderno*. Planificação cartográfica de Miguel Nogueira; transcrição paleográfica de Cristina Cunha. Porto: Editora da Universidade do Porto, 2008, 135 p.: il.; 136 fac-símiles. ISBN: 978-972-8025-78-6.

Homem mancebo de mui bom saber

O *Livro* de Francisco Rodrigues constituiu um dos mais impressionantes testemunhos cartográficos do chamado «tempo épico» de Afonso de Albuquerque (1508-1515). O único exemplar conhecido – manuscrito aparentemente autógrafo – foi descoberto em meados do século XIX na Bibliothèque de la Assemblée nationale, em Paris, pelo 2.º visconde de Santarém. À altura empenhado na ampliação do seu segundo Atlas de mapas antigos, Santarém tratou de obter cópias fac-similadas da totalidade das 26 cartas geográficas insertas no volume, que incluiu entre as 78 cartas-tipo do influente *Atlas composé de mappemondes, de portulans et de cartes hydrographiques et historiques depuis le VI^e jusqu'au XVII^e siècle* (Paris, 1849-1855). Pela mesma altura, escreveu uma extensa notícia a respeito do «Portulano de Francisco Rodrigues», mas que apenas seria dada a conhecer aquando da publicação póstuma do 1.º volume dos seus *Estudos de Cartografia Antiga* (1919)¹. O códice que contém a obra assinada por Rodrigues – e que também integra o mais completo manuscrito conhecido da não menos importante *Suma Oriental que trata do mar Roxo até aos chins* de Tomé Pires (1512-1515) – voltou a ser localizado por Armando Cortesão em 1937, na Bibliothèque de la Chambre des Députés, em Paris. Daí resultaria um conjunto de estudos parcelares, que culminaram na edição quase integral do códice encomendada pela Hakluyt Society (Londres, 1944)². A. Cortesão sintetizaria a sua leitura sobre a figura e obra de Francisco Rodrigues no 1.º volume dos *Portugaliae Monumenta Cartographica*, já depois de Albert Kammerer e Heinrich Winter terem oferecido relevantes estudos complementares sobre o mesmo assunto³.

¹ Visconde de SANTARÉM, *Estudos de Cartografia Antiga*, vol. 1, Lisboa, [1919], Typ. de Alfredo Lamas Motta, pp. 148-156.

² Tomé PIRES & Francisco RODRIGUES, *The Suma Oriental of Tomé Pires, an account of the East, from the Red Sea to Japan, written in Malacca and India in 1512-1515. The Book of Francisco Rodrigues: rutter of a voyage in the Red Sea, nautical rules almanack and maps, written and drawn in the East before 1515*, translated, and edited by Armando Cortesão, 2 vols., Londres, The Hakluyt Society.

³ Albert KAMMERER, *La Découverte de la Chine par les portugais au XVI^e siècle et la cartographie des portulans*, Leyden, E. J. Brill, 1944; Heinrich WINTER, «Francisco Rodrigues' Atlas of ca. 1513», *Imago Mundi*, 6 (1949), pp. 20-26; A. KAMMERER, «L'Océan Indien et l'Extrême Orient d'après les cartons de Francisco Rodrigues. Atlas du Palais Bourbon, entre 1512 et 1514»,

Para reconstruir a biografia de Rodrigues contamos, no essencial, com um punhado de notas dispersas pelos seus desenhos e mapas, duas alusões em outras tantas cartas enviadas por Albuquerque ao rei D. Manuel (Cochim, 1 de Abril e 20 de Agosto de 1512), além de referências pontuais incluídas no 3.º livro de *História da Índia* de Fernão Lopes de Castanheda (Coimbra, 1552), na 2.ª Década da *Ásia* de João de Barros (Lisboa, 1553), na 4.ª parte da *Crónica de D. Manuel* de Damião de Góis (Lisboa, 1567) e na 3.ª parte dos *Comentários do Grande Afonso de Albuquerque* de Brás de Albuquerque (Lisboa, 1576). Jovem piloto e cartógrafo da confiança do governador, dele diz Albuquerque ter sido o autor de mais do que uma carta decalcada de originais obtidos junto de um piloto javanês e que incluíam a representação da geografia da Ásia marítima, até à China e ao extremo oriental do arquipélago indonésio. Sabemos que Francisco Rodrigues tomou parte na expedição comandada por António de Abreu, que em 1511 zarpou de Malaca em busca das ilhas das Especiarias. No seu *Livro*, Rodrigues intitula-se «Piloto Mor da Primeira Armada que descobriu Banda e Maluco», o que é mais provável que tenha sucedido durante a viagem de regresso, entre Banda e Malaca. Em 1513, recém-regressado das «partes do Sul», integra a armada comandada por Albuquerque que, depois de fracassar a conquista de Adém, entra no mar Vermelho preparada para enfrentar a armada do sultão do Cairo. Nessa ocasião, Albuquerque encarrega-o do primeiro levantamento cartográfico de parte da costa da Abissínia, que Rodrigues terá concretizado num esboço (perdido) que compreenderia os litorais situados entre a ilha de Camarão (Kamaran), a ilha de Dalaca (Dahlak) e o porto de Maçuá (Massawa). Finalmente, sabe-se que Rodrigues foi um dos capitães da expedição comandada por Simão Peres de Andrade que navegou até ao litoral de Cantão em 1519.

O volume correspondente ao *Livro* de Francisco Rodrigues ocupa os primeiros 116 fólios do códice de Paris (os restantes são preenchidos com a *Suma Oriental* de Tomé Pires, escrita na mesma qualidade de papel no qual aparece o trabalho de Rodrigues). Trata-se de um documento compósito, que integra vários elementos próprios de um livro de marinharia, as referidas 26 cartas geográficas e uma série de 69 folhas preenchidas com desenhos panorâmicos que representam os litorais norte da correnteza de ilhas compreendida entre Alor e Java ocidental. Boa parte da matéria náutica apresentada, correspondente aos regimentos e tábuas solares, terá sido copiada de livros de marinharia portugueses – por exemplo, a tábua solar simples do *Livro* reproduz a tábua solar única do *Regimento do astrolábio e do quadrante*, chamado *Regimento de Munique* ou *Guia Náutico de Munique* (1.ª edição comprovada: Lisboa, c. 1509), e até a figura com círculos planetários e Zodíaco que aparece no fólio 9r., incluindo a respectiva legenda, é demasiado semelhante à figura impressa na penúltima página do mesmo *Regimento* para se tratar de uma coincidência⁴. Além de regimentos, o *Livro* inclui ainda três breves roteiros: da entrada do mar Vermelho, da viagem de exploração feita em 1513 até Dalaca e um dito *Camynho da China*, com a rota de Malaca ao rio de Cantão. Este último, provavelmente copiado em Malaca de um original asiático com auxílio de pilotos malaio, javaneses ou chineses, será o mais antigo roteiro para a navegação entre Malaca e a China escrito numa língua europeia moderna. Os dois roteiros do mar Vermelho correspondem ao desdobramento de um só.

in *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie au XVI^e et XVII^e siècles et la cartographie des portulans du monde orientale*, tome 3, 3^e partie, *La Cartographie du monde orientale, mer Rouge, océan Indien et Extrême-Orient jusqu'au XVIII^e siècle. Cartographes portugais et français*, Cairo, Société Royale de Géographie d'Egypte, 1952, pp. 71-101.

⁴ Cf. Luís de ALBUQUERQUE, «Introdução ao primeiro guia náutico português», in *Guia Náutico de Munique e Guia Náutico de Évora*, edição fac-similada com introdução de Luís de Albuquerque, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1991, pp. 129-140.

Quanto ao conjunto de cartas seleccionadas por Rodrigues, sugerem fontes e até momentos de composição muito diferentes: 12 cartas com os perfis costeiros da Europa, do Mediterrâneo, do mar Negro, do Brasil e da África Ocidental e Oriental que repõem, no essencial, cartografia portuguesa e outros protótipos de origem europeia preexistentes; 3 cartas com os perfis costeiros situados entre a entrada do mar Vermelho e o estreito de Malaca nas quais se representam múltiplos dados inéditos para a cartografia ocidental; 6 cartas com os perfis costeiros do golfo de Bengala e das ilhas situadas entre Samatra e as Molucas, oferecendo informação inteiramente inédita na Europa da época sobre uma área que foi reconhecida pelo próprio cartógrafo, mas para cuja representação é provável que também se tenha servido de cartas orientais; 5 esboços cartográficos dos perfis costeiros situados entre Malaca e o norte da China, incluindo talvez a Formosa, as Filipinas e até o Japão (este caso o mais incerto de todos), que tornam a revolucionar o conhecimento europeu sobre a geografia desta parte da Ásia marítima, ao mesmo tempo que assinalam uma dependência muito vinculada em relação aos protótipos orientais sobre os quais repousam. Enfim, na referida série de desenhos panorâmicos das ilhas meridionais do arquipélago indonésio – ricos de pormenores sobre a topografia, a vegetação e até o povoamento e outros aspectos da vida material desta margem do mundo cultural austro-asiático – Rodrigues constrói uma representação inédita em toda a cartografia portuguesa da época hoje conhecida, de novo essencialmente fundada na sua própria leitura visual dos territórios observados.

Na tábua de matérias que abre o *Livro*, Rodrigues elenca os regimentos náuticos, tal como todas as cartas até Malaca. A ausência nesse índice de qualquer referência aos três roteiros e àquelas que constituem as partes mais valiosas do conjunto – as cartas do arquipélago indonésio e os esboços do espaço marítimo articulado em torno do mar da China Meridional – sugere uma compilação apressada. Tal também é patente nos quatro fólios destinados à junção de outras cartas nos quais apenas aparecem desenhados troncos-de-léguas e rosas-dos-ventos. A falta do esperado roteiro da viagem a Banda parece ser sinal do mesmo. Confrontados todos os indícios disponíveis, Armando Cortesão sustentou que as cartas da Insulíndia e da China foram completadas *c.* 1513 e que o *Livro* terá sido remetido da Índia para Lisboa *c.* 1514⁵. Lendo o frontispício do *Livro*, A. Cortesão também escreveu que este manuscrito – tal como a *Suma Oriental* – se encontra dedicado a D. Manuel, leitura que não tem merecido discussão. No fol. 5r. vê-se haver sido acrescentada a palavra *Osorio*, o que contribui para que amiúde se repita que o volume poderá ter pertencido a D. Jerónimo Osório (1506-1580), o erudito bispo de Silves. Não existe certeza sobre as circunstâncias em que o códice foi levado para fora de Portugal. Sabe-se apenas que pertenceu ao conde Charles-Pierre Claret de Fleurieu, hidrografo e estadista francês do século XVIII, que em 1798 vendeu em leilão a sua biblioteca e colecções geográficas.

Cochim, circa 1515

Com a chancela da Editora da Universidade do Porto e o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, José Manuel Garcia traz-nos a primeira edição fac-similada do *Livro de Francisco Rodrigues* guardado na Bibliothèque de la Assemblée nationale, em Paris (Ms. 1248, E/D 19). Garcia antecede-a de um estudo dedicado à figura e à obra do piloto-cartógrafo. Este texto retoma, mas também ajusta, algumas conclusões que constam de notas e estu-

⁵ Cf. Armando CORTESÃO, «Introdução», in Tomé PIRES & Francisco RODRIGUES, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, leitura e notas de Armando Cortesão, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1978, pp. 98-101; Armando CORTESÃO & Avelino Teixeira da MOTA, *Portugaliae Monumenta Cartographica [PMC]*, vol. 1, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, pp. 83-84.

dos anteriores que o autor consagrara ao mesmo tema⁶. Na Parte I desta introdução, intitulada «Francisco Rodrigues: um pioneiro da moderna cartografia do Oriente» e dividida em três capítulos, Garcia passa em revista as alusões abonatórias que Albuquerque deixou a respeito de Rodrigues e dos seus méritos como fazedor de «padrões», sublinhando que todas elas são anteriores à realização das principais peças que viriam a ser incluídas no *Livro*. Sublinha-se também aqui a articulação que Rodrigues desde cedo demonstrou saber fazer entre os princípios cartográficos ocidentais e os ensinamentos registados nas cartas orientais ou transmitidos pelos pilotos e outros interlocutores asiáticos, uma prática que se revelou decisiva para a extraordinariamente rápida aprendizagem do Índico que os portugueses consumaram na transição do século XV para o século XVI. Ainda a propósito deste aspecto, lembra-se com propriedade que mapas coevos como o planisfério (truncado) de Piri Re'is (1513) expõem, neste caso para a cartografia otomana, uma capacidade de incorporação de regras cartográficas alheias até certo ponto equiparável àquela praticada por Rodrigues (Parte I, Cap. 1 – «Malaca: 1511»)⁷.

O contexto e o significado geográfico da expedição enviada à descoberta das ilhas das Especiarias sob comando de António de Abreu são passados em revista no capítulo seguinte (Parte I, Cap. 2 – «A primeira viagem às Molucas: 1511-1512»). Também se aflora a probabilidade da carta que representa a Insulíndia Oriental (fol. 37) ter por matriz uma carta asiática semelhante àquela que fora reproduzida por Rodrigues com auxílio de um interlocutor javanês, conforme as indicações deixadas a este respeito por Albuquerque em 1512. A atestá-lo estarão, de imediato, várias discrepâncias notadas entre alguns alinhamentos e alguma da toponímia desta carta e a representação dos mesmos espaços nos desenhos panorâmicos com as vistas das ilhas da Insulíndia que Rodrigues fez em 1512. Esta tese é desenvolvida adiante, na notícia explicativa dedicada a esta imagem (pp. 86 e 98-99).

A participação de Francisco Rodrigues na expedição a Adém e ao mar Vermelho empreendida por Afonso de Albuquerque em 1513 é o primeiro dos temas tratados no ponto seguinte desta introdução (Parte I, Cap. 3 – «Entre o Índico ocidental e a China: 1513-1519»). O traçado do mar Vermelho que aparece no fol. 27 do *Livro* de Rodrigues é associado ao reconhecimento de parte da costa da Abissínia que o piloto realizou a bordo da caravela de João Gomes, em 1513, pese embora faltar uma prova tangível disso mesmo, como aconteceria caso aí aparecessem assinalados os principais topónimos que o próprio regista no roteiro da viagem para Dalaca. Na mesma linha, Garcia também sugere a hipótese de que a representação da ilha de Barém e do baixo golfo Pérsico desenhada no fol. 28 (com a costa sudeste da Arábia até Ceilão) tenha tido por base um levantamento efectuado pelo mesmo cartógrafo. Para o efeito, Rodrigues haveria de ter tomado parte no reconhecimento de Socotorá, golfo de Adém e Ormuz realizado entre Julho e Setembro de 1514 pela armada de Pêro de Albuquerque, cumprindo ordens de Afonso de Albuquerque (pp. 20 e 80)⁸.

⁶ Cf. José Manuel GARCIA, «Tesouros da cartografia portuguesa», in Joaquim Romero MAGALHÃES, João Carlos GARCIA & Jorge Manuel FLORES (coord.), *Tesouros da Cartografia Portuguesa*, Lisboa, Edições Inapa/Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, pp. 87-88; J. M. GARCIA, «Other Maps, Other Images: Portuguese Cartography of Southeast Asia and the Philippines (1512-1571)», in *The First Portuguese Maps and Sketches of Southeast Asia and the Philippines, 1521-1571*, [s.l.], Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático, 2002, pp. 11-29.

⁷ Cf. Jerry BROTON, *Trading Territories – Mapping the early modern world*, Londres, Raktion Books, 1997, pp. 103-114.

⁸ Cf. Zoltán BIEDERMANN, «Ormuz et sa région dans les cartes portugaises du XVI^e siècle», in Dejanirah COUTO & Rui Manuel LOUREIRO (eds.), *Revisiting Hormuz – Portuguese Interactions*

Trata-se de uma sugestão pertinente, tal como aquela que considera a possibilidade de Rodrigues, estando em Cochim, ter recebido directamente de Tomé Pires a indicação sobre a viagem que o capitão João Lopes de Alvim fez a Java entre Março e Junho de 1513, levando o próprio Pires como feitor da armada, e que aparece registada num topónimo da carta do fol. 30 do *Livro* (costa de parte das ilhas de Samatra, Java e outras vizinhas). Se assim foi, confirmar-se-ia o encontro entre Rodrigues e Pires na Índia, entre 1515 e o início de 1516, tendo de diferir-se ligeiramente a data de conclusão e expedição do manuscrito do *Livro* de Rodrigues para Lisboa em relação ao admitido comumente. Segundo J. M. Garcia, este envio ocorreu num dos navios da armada sob comando de D. Garcia de Noronha que deixou Cochim em Janeiro de 1516 (pp. 21, 26 e 84)⁹. A já assinalada unidade formal que existe entre este manuscrito e a cópia de Paris da *Suma Oriental* concorrem no sentido desta tese.

Ao longo dos quatro capítulos que compõem a Parte II do seu estudo introdutório, José Manuel Garcia aborda tanto o contexto histórico em que surgiu o volume compendiado por Francisco Rodrigues, como aquele em que se procedeu à sua primeira publicação parcial, em meados do século XIX, pela mão do visconde do Santarém. J. M. Garcia começa por confirmar a natureza autógrafa do manuscrito de Rodrigues, mas adopta a interpretação paleográfica de Cristina Cunha, que considera que as palavras de abertura que se pensava corresponderem a «ENMANUEL» (suposta dedicatória ao rei) devem ser antes lidas como «EN NOME DE» (JHESUS). Ao recuperar os poucos dados já conhecidos sobre os distintos proprietários da obra, Garcia demonstra que a assinatura com o nome Osório e as breves anotações saídas da mesma mão detectáveis em outras partes do códice não correspondem à assinatura conhecida e ao tipo de letra de D. Jerónimo Osório (Parte II, Cap. 1 – «O manuscrito e o conhecimento do livro de Francisco Rodrigues»).

De seguida, a substância e a natureza complementar das matérias tratadas nas obras de Francisco Rodrigues e Tomé Pires é interpretada à luz das ambições geopolíticas de D. Manuel e das informações que a Corte portuguesa reclamava para as sustentar, desde logo cartográficas. Grupo de cartas a grupo de cartas, tenta confirmar-se aqui que a preparação do conjunto reunido por Rodrigues faz sentido para o período compreendido entre 1511 a 1515 e no quadro dessa política oficial.

Assim, a carta do Brasil faria eco de um modelo de representação concluído na sequência da viagem do armador Jorge Lopes Bixorda, regressado a Lisboa em 1513; o modelo de representação de Madagáscar faria eco da viagem de exploração desta ilha realizada por Rui Figueira e Pêro Anes em 1514-1515; como dito, o modelo de representação da entrada do mar Vermelho faria eco da viagem de exploração de 1513 em que o próprio cartógrafo teria tomado parte; como também ficou dito, o modelo de representação do golfo Pérsico faria eco da expedição de Pêro de Albuquerque de 1514, contando – também eventualmente – com a participação directa de Rodrigues; as repetidas representações de Ceilão fariam eco do interesse dos mercadores e negociantes de Cochim por aquela ilha que Lopo Soares de Albergaria até certo ponto apadrinhou, depois de tomar posse do

in the Persian Gulf Region in the Early Modern Period, Wiesbaden, Calouste Gulbenkian Foundation/Harrassowitz Verlag, 2008, pp. 126-127.

⁹ Cf. A. CORTESÃO & A. Teixeira da MOTA, *PMC*, vol. 1, pp. 79 e 84; A. CORTESÃO, «Introdução [à *Suma Oriental* & *Livro de Francisco Rodrigues*]», pp. 100-101; Francisco Roque de OLIVEIRA, *A construção do conhecimento europeu sobre a China, c. 1500-c. 1630. Impressos e manuscritos que revelaram o mundo chinês à Europa culta*, vol. 1, Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona, 2003, pp. 414-416 <<http://www.tdx.cesca.es/TDX-1222103-160816/>>; Xavier de CASTRO, «Les premières cartes des Moluques», in *Le voyage de Magellan (1519-1522) – La relation d'Antonio Pigafetta & autres témoignages*, édition de Xavier de Castro en collaboration avec Jocelyne Hamon & Luís Filipe Thomaz, Tome 1, Paris, Éditions Chandeigne, 2007, pp. 266-267.

governo do Estado da Índia, em 1515; o modelo de representação da ilha de Java faria eco dos registos obtidos durante a viagem de Lopes de Alvim/Tomé Pires, em 1513, possivelmente transmitidos por este último a Francisco Rodrigues em Cochim, em 1515; por fim, as representações da China e regiões próximas, sem dúvida moldadas sobre protótipos orientais, são lidas à luz dos objectivos políticos que desembocaram na malograda embaixada de Tomé Pires a Pequim, enviada de Cochim em 1516 (Parte II, Cap. 2 – «Considerações sobre a conjuntura em que surge o livro de Francisco Rodrigues»).

Acima notámos a pertinência da sugestão que é feita no sentido de que o traçado de alguns dos segmentos dos litorais do Índico Ocidental apresentados no *Livro* de Francisco Rodrigues possa ser reflexo de uma expedição portuguesa às áreas circunvizinhas do golfo Pérsico como a de Pêro de Albuquerque, em 1514. Do mesmo modo, também considerámos que a hipótese levantada por José Manuel Garcia no sentido de Francisco Rodrigues e Tomé Pires haverem coincidido no Malabar antes da partida deste último para a China abre novas pistas sobre a arrumação final do códice e, naturalmente, sobre a data em que se procedeu ao envio destes materiais para a Europa. Sobre a relação que se sugere existir entre, por um lado, a arquitectura e a selecção das matérias incluídas no códice de Paris e, por outro, a sua importância instrumental no quadro da política imperial portuguesa do reinado de D. Manuel, ela parece-nos indiscutível. Em qualquer caso, pensamos também que não se deve fazer depender em excesso a data de conclusão da generalidade dos mapas que fazem parte do *Livro* de Rodrigues de um conjunto de circunstâncias demasiado tardias. Vejamos três exemplos.

A carta em que se traça o litoral do Brasil entre o cabo de São Roque e Cananeia, com a ilha da Trindade e os ilhéus de Martim Vaz (fol. 22), expõe uma representação do segmento a sul do cabo Frio – o mais sensível do conjunto – que é muito semelhante à que já encontramos no mapa português anónimo conhecido por «Kunstmann III» (c. 1506), com o que não pode ser excluída a hipótese de se basear num protótipo bastante anterior à data em que Rodrigues compilou os seus mapas¹⁰. Mantemos esta ideia, mesmo sabendo que o «Kunstmann III» deva ter sido feito a duas mãos e que o traçado da costa do Brasil é um dos segmentos em que se torna mais claro que a parte americana da carta foi desenhada depois da parte oriental¹¹.

Em segundo lugar, julgamos que não será necessário esperar pelo início do governo de Lopo Soares e pela liberalização do trato com Ceilão que promoveu para encontrarmos uma explicação conclusiva a respeito das três representações desta ilha que aparecem no *Livro* de Rodrigues. Estas não só não acrescentam demasiado às figurações já conhecidas¹², como não é claro o peso que os assuntos cingaleses tiveram no quadro de actuação do governador antes da construção da fortaleza da Santa Bárbara, em 1518¹³. Além disto, os traçados de Ceilão expostos nos fols. 27 e 28 (muito idênticos) diferem consideravelmente

¹⁰ Cf. Isa ADONIAS, *A cartografia da região amazônica – Catálogo descritivo (1500-1961)*, vol. 1, Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963, p. 38.

¹¹ Cf. A. CORTESÃO & A. Teixeira da MOTA, *PMC*, vol. 1, p. 16; Ivan KUPČÍK, *Müncher Portulankarten: «Kunstmann I – XIII» und zehn weitere Portulankarten / Munich Portulan Charts: «Kunstmann I – XIII» and Ten Further Portulan Charts*, Munique/Berlim, Deutscher Kunstverlag, 2000, pp. 35 e 37.

¹² Cf. Zoltán BIEDERMANN, «Perceptions and Representations of the Sri Lankan Space in Sixteenth-Century Portuguese Texts and Maps», in Jorge FLORES (ed.), *Re-exploring the Links – History and Constructed Histories between Portugal and Sri Lanka*, Wiesbaden, Calouste Gulbenkian Foundation/Harrassowitz Verlag, 2007, pp. 241-242.

¹³ Cf. Jorge Manuel FLORES, *Os Portugueses no Mar de Ceilão – Trato, diplomacia e guerra (1498-1553)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1998, pp. 134-139; J. M. FLORES, *Hum Curto Historia Ceylam – Quinhentos anos de relações entre Portugal e o Sri Lanka*, Lisboa, Fundação Oriente, 2001, pp. 51-52.

do desenho parcial do fol. 33, o que reforça a ideia de se tratar de um trabalho composto em momentos distintos e em que a capacidade de leitura e tratamento dos levantamentos disponíveis também se revela desigual (inclusive, como é o caso, quando o objecto representado é o mesmo).

Em terceiro lugar, pensamos que não haverá necessariamente que diferir até à altura do hipotético encontro de Francisco Rodrigues com Tomé Pires em Cochim a composição de toda a carta do fol. 30, onde se inscrevem os topónimos da ilha de Java e a legenda que regista a viagem de Lopes de Alvim, em 1513. Trata-se de um espaço já reconhecido pelos portugueses desde 1511-1512, numa circunstância em que o próprio cartógrafo fora protagonista.

José Manuel Garcia escolhe o seguinte capítulo da sua introdução ao *Livro* de Francisco Rodrigues para apresentar uma breve resenha sobre a cartografia portuguesa anterior a 1515. Começando pelo quadro mediterrânico em que se terão forjado as primitivas relações que se julga que esta haverá mantido com a cartografia catalano-maiorquina, prossegue com a referência à recepção em Portugal de conhecimentos italianos relativos ao Oriente documentada para a década de 50 do século XV e detém-se na exportação das primeiras imagens modernas sobre o mesmo horizonte geográfico que acontece a partir do início do século XVI, tal como atestado pelo caso paradigmático da confecção e subtracção do *Planisfério de Cantino*, de 1502. Nota a propósito que, até meados da segunda década do século XVI, para além de Rodrigues apenas estão comprovados mais dois nomes de cartógrafos portugueses activos: Jorge de Aguiar e Pedro Reinol (Parte II, Cap. 3 – «Panorama dos primeiros tempos da cartografia portuguesa»). Em continuação, apresenta o *Livro* Rodrigues como um precedente dos chamados «livros de marinharia» portugueses dos séculos XVI e XVII, a começar pelo *Livro de Marinharia de João de Lisboa*¹⁴. Reforça esta ideia, destacando a obra de Rodrigues como o primeiro atlas universal de uma série de 30 exemplares portugueses dos séculos XVI e XVII – todos eles manuscritos – que chegaram aos nossos dias e que, logo depois desta obra, tem no chamado *Atlas Miller* de 1519 o seu exemplar mais antigo (Parte II, Cap. 4 – «A obra de Francisco Rodrigues entre os livros de marinharia e os atlas universais portugueses»).

Para a terceira parte da introdução ficou guardada a análise detalhada do conteúdo do *Livro* de Francisco Rodrigues, acompanhada da transcrição dos respectivos textos, do desenho dos contornos dos mapas – sobrepostos a mapas com a cartografia actual, excepto para aqueles de matriz oriental, em que tal exercício será sempre mais problemático – e da transcrição das legendas e da toponímia. É também trabalhado com minúcia o conjunto integral das vistas panorâmicas das ilhas do arquipélago indonésio, agrupadas de acordo com a sequência das ilhas apresentadas e, uma vez mais, acompanhadas de mapas actuais das áreas a que se reportam. Os textos dos três roteiros e o conjunto de regras práticas para a navegação são apresentados no capítulo «Textos e desenhos náuticos» (Parte III, Cap. 1). O todo heteróclito formado pelos mapas é introduzido no início do capítulo seguinte, sendo estes materiais arrumados e analisados de acordo com os três conjuntos relativamente coerentes que lhes correspondem e que a ordem com que surgem encadernados determina: 13 cartas de um atlas universal com a representação dos territórios da Europa atlântica até Java; 10 cartas do Sueste Asiático e da Ásia Oriental; 3 cartas com a representação do Mediterrâneo e do mar Negro (Parte III, Cap. 2 – «O atlas»). A fechar, temos o tratamento das 69 vistas de costas que Rodrigues compôs durante a sua viagem de Banda para Malaca, em 1512 (Parte III, Cap. 3 – «Vistas panorâmicas de ilhas da Indonésia»).

¹⁴ Cf. Luís de ALBUQUERQUE, «Livros de marinharia», in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, direcção de Luís de Albuquerque, coordenação de Francisco Contente Domingues, vol. 2, Lisboa, Caminho, 1994, p. 616.

Ao longo do seu texto, José Manuel Garcia reforça o sentido das possíveis correspondências entre o segundo destes conjuntos de mapas, claramente tomados de protótipos orientais, e a perdida «grande carta do piloto de Java» que Rodrigues traçou em 1511 e que Albuquerque lamentou ao rei ter-se perdido quando do naufrágio da *Frol de la Mar* no estreito de Malaca (carta de 1 de Abril de 1512 para D. Manuel). Na esteira de Winter e A. Cortesão, por exemplo, Garcia lembra a propósito que um dos sinais mais expressivos dessa plausível matriz oriental poderá estar nas representações de algumas ilhas em perfil, uma prática desconhecida na cartografia portuguesa da época e que é bem visível no mapa centrado nos arquipélagos de Banda e das Molucas¹⁵. Observa também a influência dos modelos próprios da cartografia tradicional chinesa naquelas cartas que trazem a figuração de cidades em forma de rectângulo, de quadrado ou de duplo quadrado. Vale acrescentar que em todos os casos em que isto sucede (fols. 33, 38 e 40) a rigidez esquemática da representação urbana chinesa é atenuada pela curiosa sobreposição de desenhos – às vezes apenas esboçados – de habitações e até de árvores cujas formas são directamente emprestadas do tipo de representações correspondentes que aparecem nos perfis panorâmicos da Insulíndia. Artificio ingénuo, mas eficaz: graças a ele, a qualidade eminentemente simbólica do desenho destes espaços que é característica dos mapas chineses é descodificada com auxílio de um conjunto de figuras logo reconhecíveis para um olhar ocidental.

Feita a leitura do que nos pareceu essencial, duas palavras a concluir. Nunca será demais sublinhar a modernidade da experiência cartográfica legada por Francisco Rodrigues. Códice destinado à navegação, o seu *Livro* traz a escala do mundo que era a escala dos interesses oceânicos do império de D. Manuel e – sobretudo – a dos seus projectos para a Ásia. Desatento em relação ao saber erudito e à herança Clássica, deve tudo a uma mescla de conhecimento empírico puro e de disponibilidade incondicional para integrar as informações e os modos asiáticos de representação dos espaços, tanto marítimos como terrestres. Ou talvez melhor: o seu saber é um produto híbrido naquelas margens em que pelo menos parte da representação passou já pelo seu olhar; só naquelas outras em que piloto-cartógrafo ainda não navegou – ou outros portugueses por ele – este aceita a informação asiática sem forçar ajustá-la a nenhuma pauta exterior. O que tem uma dupla importância, pois tanto é prova de intercâmbio cultural efectivo, como é um testemunho indirecto quase único de tradições cartográficas indígenas, como as do Sueste Asiático, de que quase não restam vestígios anteriores ao século XIX¹⁶. Desde logo por isto, esta oportuna edição do *Livro de Francisco Rodrigues* pode suscitar novas vias de investigação cruzada sobre várias cartografias europeias e asiáticas do início da Idade Moderna.

FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA
Universidade de Lisboa & CHAM

¹⁵ Cf. H. WINTER, «Francisco Rodrigues' Atlas», p. 21; A. CORTESÃO & A. Teixeira da MOTA, *PMC*, vol. 1, p. 84.

¹⁶ Cf. Anthony REID, *Southeast Asia in the Age of Commerce, 1450-1680*, vol. 2, *Expansion and Crisis*, New Haven/Londres, Yale University Press, 1993, pp. 43-47; Joseph E. SCHWARTZBERG, «Introduction to Southeast Asian Cartography» e «Southeast Asian Nautical Maps», in J. B. HARLEY & David WOODWARD (eds.), *The History of Cartography*, vol. 2, book 2, *Cartography in Traditional East and Southeast Asian Societies*, Chicago/Londres, The University of Chicago Press, 1994, pp. 689-693 e 828-838; Thomas SUÁREZ, *Early Mapping of Southeast Asia*, Singapura, Periplus Editions, 1999, pp. 39-40; Felipe FERNÁNDEZ-ARMESTO, «Maps and Exploration in the Sixteenth and Early Seventeenth Centuries», in David WOODWARD (ed.), *The History of Cartography*, vol. 3, part I, *Cartography in the European Renaissance*, Chicago/Londres, The University of Chicago Press, 2007, pp. 745-746.